

In: GIRARDELLO, Gilka; FANTIN, Mônica (orgs.). **Práticas culturais e consumo de mídias entre crianças**. Florianópolis : NUP/CED/UFSC, 2009, p. 117-138.

Práticas culturais e consumo de mídias na cultura de movimento das crianças

Tracema Munarim

RESUMO: *Considerando que é nas imagens e símbolos da cultura na qual está inserida que a criança busca elementos para criar seus roteiros de brincadeiras e representações, este artigo reflete sobre a presença das mídias, principalmente a televisão, no universo lúdico infantil e na cultura de movimento das crianças. Buscou-se refletir sobre as práticas culturais e consumo de mídias das crianças e suas famílias, bem como a relação destas práticas com suas vivências lúdicas. Na trajetória de pesquisa evidenciaram-se os processos que as crianças criam durante as brincadeiras para elaborar os sentidos das mídias e relacioná-los com suas experiências. Movimentando-se, fazendo referência a personagens e cenários, criando situações e roteiros para brincadeiras a partir de histórias e programas de televisão, as crianças refletem e questionam, à sua maneira, o mundo que as cerca.*

Este artigo, resultante de minha dissertação de mestrado¹, se insere num contexto de pesquisa mais abrangente, que teve como eixo norteador o uso de um questionário comum a outras pesquisas sobre *práticas culturais e consumo de mídias* por crianças da cidade de Florianópolis. Devidamente adaptado aos objetivos da dissertação, a possibilidade de utilizar este roteiro pré-definido trouxe novos desafios para a reflexão sobre o tema proposto – crianças e mídias – principalmente por sua articulação com temas relacionados à Educação Física: o movimento humano e as brincadeiras.

Tive como pressuposto no início da pesquisa de que os conteúdos da televisão estão presentes no imaginário e conseqüentemente nas brincadeiras infantis. A minha curiosidade maior foi entender como se construía essa relação entre crianças e TV nos momentos de brincadeiras, tentando observar de que forma essa relação se refletia na cultura de movimento das crianças². Se enquanto se movimentam as crianças dialogam com o mundo em que vivem (HILDEBRANDT-STRAMANN, 2003), fazendo descobertas e incorporando aspectos de sua vida, como se constitui a relação entre o “*se-movimentar*” das crianças enquanto brincam e os programas a que elas assistem na televisão.

O termo “*se-movimentar*” é definido nesta investigação como uma das formas de entendimento e compreensão do ser humano em relação ao seu contexto de relações, ao seu

¹ Dissertação defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (abril/2007), intitulada “*Brincando na escola: o imaginário midiático na cultura de movimento das crianças*”, sob orientação da prof. Dra. Gilka Girardello (CED/UFSC) e co-orientação do prof. Dr. Giovanni De Lorenzi Pires (CDS/UFSC).

² De acordo com Kunz (*apud* GONZÁLEZ e FENSTERSEIFER, 2005), “pertencem à cultura de movimento todas aquelas atividades que envolvem o movimentar-se humano com características lúdicas, de jogo, de brincadeira, de ginástica, de apresentação e competição, reconhecidas num determinado contexto sócio-cultural” (Idem, p.112).

mundo. O movimento humano, nas palavras de Kunz (2004) é uma “ação em que um sujeito, pelo seu ‘se-movimentar’, se introduz no Mundo de forma dinâmica e através desta ação percebe e realiza os sentidos/significados em e para o seu meio” (Idem, p.162). Ao refletirmos sobre a importância do movimento humano como uma forma de comunicação e reconhecimento do mundo pela criança, já que esta, “enquanto não domina os símbolos da linguagem verbal, fala e se entende com o mundo e os outros através de movimentos que realiza” (KUNZ, 2001, p.40) surgiu a pretensão de aprofundar o entendimento acerca dos sentidos do movimento das crianças quando brincam na escola, assim como da relação destas brincadeiras com o imaginário da televisão.

Além do questionário, que terá maior destaque neste artigo, uma das propostas metodológicas da investigação foi de observar crianças brincando livremente no pátio em duas escolas de Educação Infantil, situadas no mesmo bairro de Florianópolis: uma particular, aqui designada como Jardim de Infância (JI)³, com uma pedagogia diferenciada das escolas públicas, e outra, pública municipal, aqui chamada de Núcleo de Educação Infantil (NEI). O objetivo de fazer a pesquisa nas duas instituições foi o de obter, senão um estudo comparativo, algumas possibilidades de vivências diferenciadas com crianças provenientes de diferentes classes sociais, ampliando desta forma o universo de reflexão sobre o objeto de pesquisa. Para isso, foi escolhida como uma das instituições a ser pesquisada uma escola que segue a pedagogia Waldorf, o Jardim de Infância. Esta escolha surgiu da hipótese de que as crianças matriculadas nesta instituição teriam uma experiência diferenciada das da outra escola com relação à TV, pelo fato de terem sido matriculadas em um estabelecimento de ensino cuja pedagogia não recomenda a audiência deste meio por crianças pequenas, tampouco a aproximação destas às novas tecnologias. A outra escola escolhida, o NEI, é uma das 30⁴ instituições públicas de Educação Infantil vinculadas à prefeitura municipal de Florianópolis que não demonstrou, em sua proposta pedagógica, restrições ao uso de mídias. Foram feitas observações das crianças, com idade variando entre 3 e 6 anos, brincando no pátio das duas escolas durante o primeiro semestre do ano letivo de 2006.

O questionário, composto por 41 questões objetivas e dissertativas, foi entregue aos pais das crianças das duas escolas durante o mês de agosto de 2006. As oito primeiras questões foram direcionadas à apresentação da família da criança; as questões seguintes exploram o

³ Convém destacar que este não é o nome da escola, apenas a designação genérica das instituições de Educação Infantil. A primeira, ligada à pedagogia Waldorf, a segunda, às instituições de Educação Infantil da Prefeitura Municipal de Florianópolis-SC.

⁴ Destes, 23 são NEI's e 7 são vinculados às escolas de ensino fundamental. Informação repassada pelo Departamento de Educação Infantil da Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis em 19/12/2006.

mundo das brincadeiras segundo a visão de seus pais, seguido por práticas culturais da família (televisão, teatro, cinema, leitura) e questões dissertativas sobre o que os pais e as crianças desejam, tanto para o futuro como para um programa de televisão. Além das observações e do uso dos questionários, optou-se também por fazer uso de fotografias e entrevistas informais enquanto instrumentos metodológicos para a pesquisa.

Apesar de existir o interesse de ouvir as próprias crianças nesta etapa da investigação, foi decidido que os questionários seriam destinados aos pais, já que todas elas tinham idade igual ou inferior a 6 anos e ainda não sabiam ler e escrever. Na escola pública, foram entregues 25 questionários (com retorno de 22 respondidos); na particular a soma dos entregues foi de 39 (com retorno de apenas 9). Embora tenham sido distribuídos em maior quantidade, os questionários que retornaram da escola privada não atingiram um número que pudesse garantir representatividade à amostra. Para conhecer melhor a relação destas famílias com as mídias foi feito o que chamei de *verificação* com as próprias crianças. Enquanto brincavam, conversava com elas sobre os temas tratados nos questionários, como brincadeiras e brinquedos de que mais gostam e os programas de TV a que assistem em casa, se assistiam. Trechos de falas das crianças durante o dia da *verificação* serão encontrados ao longo do texto. Outro detalhe importante a ser mencionado é o método escolhido para preservar a identidade das crianças. Optou-se por perguntar às próprias o nome pelo qual gostariam de ser chamadas neste “livro”. Personagens de televisão, de desenhos animados, nomes de colegas ou de professora, nome de menina para designar um menino, nomes repetidos e nomes de animais serão encontrados no decorrer das análises e citações.

A televisão na vida das crianças

Nas duas escolas pesquisadas no contexto deste trabalho, os dados do questionário mostraram que no NEI apenas uma família afirmou não possuir televisão em casa, embora não tenha explicado se é por opção ou falta de renda para adquirir o aparelho. No Jardim de Infância uma das famílias afirmou não possuir televisão, por opção. Desta mesma escola, das nove crianças que conversaram comigo, oito delas afirmaram possuir televisão quando responderam à pergunta “*onde fica a televisão na sua casa?*”, indicando o local em que assistem a seus programas. Uma delas alegou não possuir TV em casa durante a conversa, mas deixa claro que mesmo assim possui acesso à programação paga em outro espaço, como se vê no diálogo que segue:

Iracema: Onde fica a TV na sua casa?
Bully Bill: Lá em casa não tem TV. Só na casa da vovó!
Iracema: E você gosta de assistir TV lá?
Bully Bill: Assistio Save-Ums!
Iracema: E o que você mais gosta de assistir?
*Bully Bill: Discovery Kids... Jay Jay, o Jatinho também!*⁵

A televisão aparece no topo da preferência das crianças do NEI, de acordo com seus pais, tanto para assistir à programação dos canais como para ver filmes em vídeo ou DVD. Entre os pais de crianças do JI, apenas um fez a menção de gostar de assistir TV. As referências à televisão nesta escola partiram das famílias de três crianças: dois irmãos que gostam de “assistir TV” e da opção “ver filme” citada por um dos pais. Esta é uma situação que sugere determinado papel e peso simbólico atribuído à TV na família, o que corrobora a entrada de campo nessa escola como um possível espaço de negação da televisão.

Apesar da dificuldade de estabelecer comparações pelos questionários entre o perfil das crianças que estudam nas duas escolas, percebeu-se maior presença dos programas de canais de TV aberta na rotina das crianças do NEI, enquanto canais de TV paga ou a opção de assistir DVDs aparecem para as crianças do Jardim de Infância.

Buscamos em Seiter (1999), cujas pesquisas sobre mídia e infância trouxeram subsídios importantes para a reflexão sobre o contexto desta pesquisa, os comentários sobre a diferença na preferência de programação entre as crianças e famílias das duas escolas. A autora demonstra como os gostos nesse campo também dependem de um conjunto de fatores sociais e econômicos, como a classe social na qual os sujeitos estão inseridos. De acordo com ela, a televisão é a menos legitimada das formas de mídia, e o acesso a outras mídias é uma forma de garantir um status mais elevado. “Quando pessoas conversam com pesquisadores acadêmicos sobre televisão, a discussão é sempre influenciada por esse status ilegítimo, suscitando desculpas frequentes ou uma subestimação do ato de assistir televisão” (Idem, 1999a, p.4). Para ela, isto tem sido demonstrado em estudos etnográficos, os quais apontam que *hierarquias* produzem defesas a certos tipos de consumo de mídias com a subestimação de algumas formas, como a televisão, e a superestimação de outras, como livros, jornais e computadores.

Outro aspecto do questionário que permitiu um cruzamento interessante entre as respostas dos pais e as brincadeiras das crianças foi o “cinema”⁶. Nas duas escolas, a maioria das famílias não costuma ir ao cinema: nos questionários do NEI, apenas uma pessoa afirmou

⁵ Diário de Campo, JI, 12/12/2006. Todos os nomes foram alterados de acordo com a livre escolha de pseudônimos pelas próprias crianças.

⁶ Sobre crianças e cinema, consultar FANTIN, M.(2006).

que tem esse costume, duas “às vezes” e 18 responderam que não⁷. No JI, apenas 2 afirmaram que desfrutaram dessa modalidade de lazer. As crianças, assim como seus pais, também não costumam sair de casa para assistir aos filmes na grande tela. Além dos filmes citados nos questionários, outros poderiam ser mencionados pelo grande número de referências feitas pelas crianças durante as brincadeiras observadas. Dos citados pelos pais, Power Rangers foi o filme mais freqüente nos roteiros de brincadeiras nas duas escolas, assim como apareceram *Shrek*, *Barbie*, *Scooby Doo* e *Era do Gelo*. Se brincar encenando determinado filme ou personagem demonstra uma certa preferência das crianças, poderiam ser referidos também filmes como *Homem-Aranha*, *Star Wars*, e *Os Incríveis* (temas quase diários nas brincadeiras), como é exemplificado abaixo nos trechos do Diário de Campo:

*Erick: “Sabe do que eu estou brincando?”. “Não...”, respondo. “De Guerra dos Ciclones! É do Star Wars 4! É filme de adulto, mas eu gosto! Ele tem uma espada brilhante...”, me mostra como o personagem faz com a espada e sai brincando⁸.
Ricardo: “Vamos brincar de Incríveis?”. Mateus resmunga algo que não consigo entender. “Ah, mas promete pra mim que depois vamos brincar de Incríveis?”.
Mateus: “Amanhã não!”. Ricardo: “E hoje? Promete pra mim?”. Ricardo quer garantir sua brincadeira com o amigo a todo custo. Distraio-me com Tiago passando por mim e apontando suas duas mãos em minha direção enquanto corre. Grita: “Poderes!!”⁹.*

A fascinação pelo cinema também foi observada no roteiro de brincadeiras de um pequeno grupo de meninos. Apesar de a tela do cinema estar distante dessas crianças naquele momento, a proximidade e a fácil manipulação de filmes através dos DVDs permitiu que as crianças montassem um roteiro imaginário no qual os filmes do cinema eram transmitidos de acordo com a escolha de cada um num aparelho de DVD imaginário. Observei atentamente cada detalhe da brincadeira, inclusive a intromissão de uma das professoras que, não sabendo do que se tratava a brincadeira, tentou “ajudar” à sua maneira. O relato deste dia está descrito abaixo:

Enquanto conversava com uma das professoras, ouço a palavra Scooby-doo vindo de grupinho, mas não consigo ver o que está acontecendo. Quando enfim retomo a minha atenção para eles, vejo que a madeira apoiada entre o muro e a árvore deixou de ser uma parede (da brincadeira anterior) para virar uma tela de cinema,

⁷ Devido à desigualdade do número de entrevistados e a opção de fazer a verificação posterior aos questionários em conversas informais com as crianças – o que poderia alterar os números apresentados nas respostas dos pais – fez-se a opção de não trabalhar com porcentagem (%) na análise dos dados, mas com número de citações.

⁸ Diário de Campo, 09/05/2006, JI.

⁹ Diário de Campo, 01/06/2006, JI.

ou de dvd, como eles dizem. Um deles encaixava um brinquedo de plástico na folga entre uma lâmina e outra da madeira, como se ali fosse o aparelho de dvd e assim estivesse inserindo o disco. Os outros 4 estavam sentados de frente para a “tela” esperando o filme começar. Um deles gritou: “É do Homem Aranha!! Tá bem na cena da teia! Olha, tá na cena da teia!”. O menino que coordena os filmes resolveu trocar, agora era vez de outro filme, que não recordo o nome, mas seu título não é cinematográfico, lembra um conto de fadas, ou fábula. Num tempo curtíssimo, outro menino resolveu mudar o filme: “Agora é o Shlek” [Shrek]. Repetiu por duas vezes. Uma professora que estava próxima foi ver a brincadeira deles e “arrumou” a “parede” para ela não cair. Ela não sabia o que estava se passando. “Ah é, então vocês querem um esconderijo? Vamos arrumar essa parede pra separar do parque”. Apoiou a madeira na árvore. Assim que ela saiu, um dos meninos baixou a madeira para o local anterior para trocar novamente o dvd. A professora mostrou-se surpresa: “Ah, o que adiantou eu arrumar?”. Um deles explica: “É que a gente vai trocar de filme!”. Professora: “Ah é, vai dizer que vocês vão fazer disso daí um cinema? Vão não, já é um cinema!”.¹⁰

No trecho transcrito abaixo é possível perceber que não apenas as histórias de filmes levam as crianças a montar seus roteiros nas brincadeiras, mas que também suas próprias formas de se movimentar em determinadas brincadeiras trazem lembranças de certas cenas de personagens.

Luiza e Juliana estão brincando no balanço. Quando Juliana empurra Luiza até o alto ela diz: “Estou voaaaando! Lembra Juliana, da Era do Gelo 1, quando o elefante disse que saía voando? Tão engraçado.” Juliana dá risada, diz que lembra. Não consigo entender o resto, mas dá pra perceber que o papo continua em torno do filme da Era do Gelo 1, agora estão falando do esquilo.¹¹

O movimento de ir e vir nas alturas do balanço fez com que Luiza tivesse a sensação de estar voando, o que provavelmente remeteu seus pensamentos a uma determinada cena de filme, engraçada e improvável de acontecer na realidade – um “elefante” voar¹² -, com certeza muito marcante para ela. Coincidência ou não, na mesma época estava sendo lançado o filme *Era do Gelo 2*.

As brincadeiras e seus lugares

As referências que os pais fizeram nos questionários às brincadeiras das crianças permitiram que fosse elaborada uma listagem com eixos temáticos, embora muitas das brincadeiras possam se encaixar em mais de um deles. São eles: *Brincadeiras com elementos*

¹⁰ Diário de Campo, 08/06/2006, NEI.

¹¹ Diário de Campo, 08/06/2006, JI.

¹² Luiza usa a palavra “elefante” para se referir ao mamute da história.

da natureza; Atividades de expressão artística; Brincadeiras com objetos/brinquedos; Brincadeiras na rua; Faz-de-conta/dramatização.

Dentre todas as brincadeiras citadas nesta listagem uma diferença entre as duas escolas ganha destaque. As mais citadas pelos pais das crianças que estudam no NEI são as que acontecem com o uso de brinquedos, seguidas pelas brincadeiras de faz-de-conta e dramatizações. Na temática *elementos da natureza*, a única brincadeira citada foi “Bolinho de areia”. Já para os pais de crianças que estudam no Jardim de Infância, o maior número das brincadeiras faz referência a elementos da natureza e algumas poucas que se referem a objetos/brinquedos.

A presença de brincadeiras de faz-de-conta e dramatizações foi marcante entre as crianças das duas escolas, embora tenha sido possível perceber através das respostas que grande parte dessas brincadeiras são preferidas por meninas, enquanto os meninos parecem optar, de acordo com seus pais, por brincadeiras acompanhadas de brinquedos.

Curiosamente, uma brincadeira pouco citada pelos pais - apenas uma referência nos questionários do NEI - foi a de brincar de “lutinha”. Esta demonstrou ser uma brincadeira bastante comum entre as crianças das duas escolas, principalmente quando envolviam dramatizações dos seus programas de TV preferidos: *Power Rangers*, *Três Espiãs Demais*, *Meninas Super-poderosas*, *Os Incríveis*, entre outros. As simulações de golpes seguidas por onomatopéias [*Bow!*, *Crash!* *Iááá!*] geralmente acompanhadas por gritos como “*Power Rangers Força Animal*”, tornavam a brincadeira ainda mais interessante para ser observada, já que o *se-movimentar* destas crianças parecia ser uma das formas mais importantes para a ressignificação dos conteúdos da série. Situações como essa foram observadas por vários dias durante pesquisa de campo nas duas escolas, embora a presença dos Power Rangers tenha sido ainda mais marcante entre as crianças do Jardim de Infância. Fica então a dúvida a ser investigada em uma próxima oportunidade de verificação: as crianças realmente não brincam de lutinha em casa (talvez pela falta de parceiros) ou os pais esqueceram ou não acharam importante mencionar essa temática?

Embora a análise em questão seja a dos questionários a partir da opinião dos pais, é importante fazer um contraponto com a opinião das próprias crianças, principalmente porque as brincadeiras citadas por elas durante as conversas e observações não fazem referência ao mesmo tipo de brincadeiras citadas nos questionários. Esse é o caso das crianças do JI que, enquanto brincavam no pátio, respondiam minhas perguntas no dia da *verificação*.

Iracema: Do que você mais gosta de brincar?

*Isabela: De subir em árvores!*¹³

(...)

Iracema: ...E qual é o teu brinquedo favorito?

*Isabela: Power Rangers! Power Rangers! [fica cantando uma música com o nome dos Power Rangers].*¹⁴

Iracema: E de brincar, o que você gosta mais?

*Juliana: De Polly! Não, de shopping da Polly e com a minha Miracle Baby. Eu tenho a moto da Polly também!*¹⁵

Iracema: E as brincadeiras? Do que você gosta mais?

*Manhas: Gosto de brincar com meus brinquedos... com a girafa!*¹⁶

Iracema: (...) E do que você mais gosta de brincar?

*Tiago: De carros de corrida! Eu tenho um carro de corrida!*¹⁷

A fala dessas crianças nos leva a pensar na importância do brinquedo em suas vidas e na rede de relações que envolvem estes objetos: o brinquedo enquanto elemento que ajuda a criança a definir os significados do mundo e do “eu”, e o brinquedo enquanto objeto de socialização, de aprendizagem, de diversão.

Embora os pais do JI não tenham feito muitas alusões ao uso de brinquedos nas brincadeiras de seus filhos, o brinquedo aparece nesses diálogos como um objeto importante nos roteiros da imaginação. É curioso notar que as crianças que fizeram referências a objetos que aparecem constantemente na televisão, estudam em uma escola onde esse tipo de brinquedo não tem vez – na escola Waldorf não encontramos nenhum tipo de brinquedo industrializado, apenas artesanais.

Do que os pais costumam brincar com seus filhos?

Como os questionários respondidos do NEI somam maior número, torna-se difícil fazer algum tipo de comparação ou ligação entre as brincadeiras de pais e filhos das duas escolas. Mas, é importante considerar como as brincadeiras com *objetos/brinquedos* acontecem com mais frequência junto aos pais das crianças que estudam no NEI. No Jardim de Infância

¹³ Mesmo que escolhido um nome feminino, a criança em questão é um menino. Sinto-me um tanto impelida em insistir nessa explicação, pois se a intenção da criança foi esconder sua identidade, nada melhor do que mudar o sexo para não haver desconfianças de quem se trata. Não sei se é esse o caso, acredito que não, mas tratar Isabela como uma menina tornaria um pouco confuso o texto, principalmente pela preferência da criança quanto às brincadeiras, o que poderia criar uma confusão para os leitores na questão gênero e brincadeira.

¹⁴ Diário de Campo, 12/12/2006, JI..

¹⁵ Idem.

¹⁶ Ibidem.

¹⁷ Ibidem.

nenhum pai citou brincadeiras que utilizam objetos/brinquedos além de jogos tradicionais. E em nenhum dos questionários foi citado algum tipo de brincadeira com *elementos da natureza*, embora este eixo tenha sido criado a partir das citações dos pais das crianças do Jardim de Infância como brincadeiras preferidas por seus filhos. Esta parece ser uma questão importante se levarmos em conta a diferença das brincadeiras que acontecem com objetos, com jogos que já possuem regras pré-definidas e da entrega que acontece nas brincadeiras em contato com a natureza, como subir em árvores, brincar com terra, rolar na areia.

De acordo com Girardello (1998), o contato com a natureza, além da experiência com as artes, surge como um dos fatores sugestivos importantes na fantasia dos pequenos. No jardim a criança é livre para devanear e falar com amigos reais ou fictícios resguardada do olhar adulto, é livre para compor mundos inteiros com pedras, sementes e insetos, encontrando a multiplicidade das formas e a imprevisibilidade do comportamento dos organismos (Idem, p.99).

Brincar com a natureza exige um mergulho profundo na fantasia, disposição para se envolver de corpo inteiro, fazer amplos movimentos com os braços, pernas, tronco; ter fôlego para correr do possível lobo mau, energia para subir em árvores, nadar no rio em busca de peixinhos, rolar nas dunas, mastigando grãos até ficar totalmente coberto por areia, para no final de tudo usar a criatividade para criar “bolos” de festa e “brigadeiros” aos amigos próximos. Como as crianças se entregam muito mais facilmente à fantasia, acompanhá-las não parece ser fácil para os adultos, não apenas por questões fisiológicas. Questão de hábito ou não, o fato é que não se vêem adultos fazendo isso com a mesma naturalidade de uma criança. Crescemos e esquecemos não apenas de admirar o mundo como se víssemos tudo pela primeira vez, mas também de senti-lo, enrijecendo nossa capacidade de movimentação e dos sentidos em prol de soluções rápidas, práticas e que não exigem muito esforço. O mergulho na fantasia é um dos requisitos básicos para a brincadeira e disso ficamos desacostumados com o passar do tempo.

Os desejos

As perguntas desta temática tiveram como objetivo conhecer o que as crianças e seus pais almejam para o futuro, o que inclui o conhecimento dos pais em relação aos desejos de seus filhos.

Você sabe o que a criança quer ser quando crescer? Por quê?

As profissões citadas pelos pais dos meninos no NEI possuem algumas características parecidas, como atividades que envolvem movimento e algumas doses de aventura. As profissões e os motivos para as escolhas são os mais variados:

“Bombeiro, ele gosta de salvar vidas”.
“Construir casas, ele disse, gosta disso”.
“Bombeiro, polícia, lixeiro”.
“Jogador de futebol, porque ele torce pelo figueirense e pelo flamengo”.
“Motorista de ônibus, bombeiro”.
“Não decidiu, às vezes quer ser um mágico outras vezes não”.
“Ele já disse várias coisas: gari, escalador, espião. Todas atividades aventureiras”.

Para as meninas do NEI as profissões citadas foram bailarina, médica, cantora, modelo, dentista, professora e carteira, com as seguintes justificativas:

“Ela disse que quer ser bailarina. Adora dançar e fantasiar”.
“Médica, cantora, modelo – não sabemos”.
“Professora, porque ela gosta de livros e vive escrevendo”.
“Quer ser carteira porque adora fazer carta”

É interessante perceber como a profissão de lixeiro e gari, tão desvalorizada na nossa sociedade, é admirada pelas crianças. Profissões como essa requerem uma ampla diversidade de movimentos, como sobe-e-desce, equilibrar-se no carro em movimento, segurar-se no caminhão, sair correndo, pular no chão, além do uso de uniforme, transformando imediatamente o ambiente por onde passa. Ações essas que, pelo menos aparentemente, possuem um conjunto de características próprias de uma brincadeira. Seria esse um dos motivos da preferência das crianças por esta profissão, assim como das outras citadas acima?

Uma curiosidade entre as profissões escolhidas pelas meninas é o gosto pela leitura e a escrita. Por gostar de escrever cartas, Nicole Coração se identifica com o carteiro, o sujeito que todos os dias entrega cartas em sua casa. Diferente de Flor, que por gostar de ler e escrever quer ser professora.

Do Jardim de Infância, entre meninos e meninas, segue abaixo as respostas dos pais sobre o que as crianças gostariam de ser quando crescer:

“Quer ser grande pra fazer coisas de gente grande: dirigir é a preferida”

“Artista, porque ela já é.”

“Eu nunca perguntei, mas a única coisa que ela diz é que ‘vai ter bebês’”(…); “As últimas vezes que falou sobre isso, ‘mãe!’”

“Muitas coisas”.

Uma diferença entre as respostas dessa escola e do NEI é a forma como os pais responderam. A primeira escola (NEI) fez referências apenas a profissões, enquanto no JI as respostas foram mais voltadas às situações da vida como ter filhos e aprender a dirigir. Embora as respostas do JI tenham se caracterizado desta forma, o que as próprias crianças do Jardim de Infância responderam, com as perguntas feitas no dia da *verificação*, talvez não teriam sido pensadas por seus pais, embora em um dos diálogos uma menina deixe claro que conversa com seu pai sobre isso:

Iracema: E o que vocês querem ser quando crescer?

Tascha: eu quero ser uma das pessoas que exploram o mundo para achar ossos de dinossauro!

Anjormel: eu quero ser uma dançarina árabe! Já sou... [e começa a dançar].

Tascha: eu queria ser fotógrafa, mas meu pai disse que minha voz é melhor pra ser cantora, mas como eu tenho vergonha de cantar na frente dos outros eu quero ser uma exploradora de ossos de dinossauro!¹⁸

Abaixo segue o relato de outro grupo que brincava na caixa de areia enquanto seguiam-se as perguntas:

Iracema: Vocês já sabem o que querem ser quando crescer?

Ricardo: Quero ser um construtor de minas! E de mísseis!

Fábio.: Mísseis não existem!

Ricardo: Existem sim!

Aline: Eu quero ser veterinária!¹⁹

Aqui, novamente as características de ação e aventura aparecem no desejo dos meninos.

A questão do questionário que trazia a situação hipotética de se encontrar uma lâmpada mágica também traz relatos interessantes. No NEI, entre as respostas dadas pelos pais sobre os desejos de seus filhos, incluem-se os pedidos de brinquedos em geral além de carrinho de pedal, vídeo game, skate, bicicleta, carrinhos, boneco dos *Incríveis* e uma bola. Outros bens de consumo também foram relatados, além de temas relacionados à diversão e lazer. Pedidos relacionados à família também foram incluídos, principalmente nos casos em que as crianças possuem pais separados. Os animais também entraram na lista, além dos desejos carregados com mais fantasia, como ser “o mais sortudo” e “nunca crescer”:

¹⁸ Diário de Campo, 12/12/2006, JI.

¹⁹ Diário de Campo, 12/12/2006, JI.

“Que voltássemos a morar todos juntos (pai e mãe), ser o mais sortudo, ser o presidente do Brasil” (Breno)

“Um pai mais presente, a família morando mais próxima, fazer balé além da natação” (Nanda).

“Áreas de lazer para brincar, bola, skate, pra praticar esportes. Ver eu e o pai dele juntos com ele – sempre comenta (pede)” (Batman).

“Bastante brinquedo, comida boa, paz na família” (Breno2).

“Carrinho, bonecos dos Incríveis, bola e ficar forte” (Homem Aranha)

“Ela gostaria de ter uma gata, um carro e uma casa rosa” (Flor).

“Pediria brinquedo, pediria para ter muito dinheiro no cofre para dar para a mamãe e papai e para viajar e ver neve” (Daphine).

“Ser sempre o neném da mãe (nunca crescer)” (Cachorro).

“Bastante brinquedo diferente, um carro, ele quer ter uma lancha” (Bob Esponja).

“Ir no Beto Carrero, queria ganhar um boi e um cavalo” (Passarinho2)

É também interessante a forma como uma das mães demonstra sua surpresa aos pedidos de Passarinho, que pede outras coisas diferentes daquelas que ela imaginava: *“ser trabalhador, jogador de futebol, ser pintor de quadro. Ele deu essa resposta, o que eu imaginava era ser músico pois ele adora cantar. Ter saúde e felicidade”*.

Nas respostas dos pais do Jardim de Infância, entre os pedidos, três são relacionados a brinquedos, dois a ações de caridade, como ajudar quem passa fome e outros dois relacionados à fantasia, como poder entrar dentro de um quadro e voar. Provavelmente se perguntássemos isso diretamente às crianças as respostas seriam diferentes, como declarou a mãe de André, que os seus pedidos se referiam à apenas aquele momento. Durante o dia de *verificação* no Jardim de Infância consegui perguntar a um grupo de crianças que brincavam na caixa de areia sobre quais seriam os seus pedidos, demonstrados na conversa abaixo:

Iracema: E se vocês encontrassem uma lâmpada mágica e pudessem fazer três pedidos ao gênio da lâmpada, o que vocês pediriam?

Fábio: Uma fantasia de Garfield... uma fantasia do Salsicha, do Scooby-doo e do Freddy!

Ricardo: E agora eu! Um brinquedo! Uma espada laser de verdade, toda vermelha. Uma mochila a jato de verdade que voa e uma prancha a jato!

Aline: Eu!!

Ana Carolina: Agora eu!

Iracema: A Aline e depois você, pode ser?

Aline: Eu pediria...[pensa] um aparelho...

Iracema: Um aparelho de dentes?

Aline: É! Um par de chinelos e uma fantasia da Violeta!

Iracema: Violeta?

Aline: É! De um filme!

Ricardo: Dos Incríveis! Porque eles são incríveis!

Ana Carolina: Agora eu! Eu pediria uma fantasia da Genevive, um aparelho de dente também cor de rosa e um sapatinho de cristal!

Ricardo: Eu de novo!

Aline: Não, é só três pedidos...

Ricardo: Posso sim! Eu ' pido ' também um baú de tesouros!
Fábio: Eu também ' pido ' ! Uma fantasia de anão!
Ricardo para Fábio: Vamos cavar aqui até achar uma lâmpada mágica?
Fábio: Lâmpadas mágicas não existem!²⁰
Ricardo: Existem!

Uma hipotética lâmpada mágica, que fazia parte da conversa, rapidamente entrou no roteiro da brincadeira (e novamente entrou a discussão, como dos mísseis, se existe ou não). Esta questão dos desejos mostrou-se importante pra conhecer o que as crianças almejam no momento ou a forma como responderiam, se só a partir de bens materiais ou partiriam para elementos mais fantasiosos como voar, por exemplo. Como caminho para pesquisas futuras, seria interessante comparar as respostas destas crianças com outras pesquisas realizadas sobre o mesmo tema na mesma cidade, principalmente aquelas que tiveram como base o mesmo questionário de práticas culturais e consumo de mídias. São estes relatos que podem caracterizar em parte quem são as crianças que participaram destas pesquisas e que certamente demonstram o que querem e quem são as crianças hoje, neste momento, neste local e nesta cultura.

Algumas considerações

Enquanto se movimentavam, as crianças das duas escolas pesquisadas mostraram o quanto o contexto e as ofertas culturais são importantes na constituição de suas brincadeiras. Quanto mais diversas as experiências, o contato com a natureza, as histórias, os lugares e a diversidade dos brinquedos, mais as crianças exercitam a imaginação, criando e atribuindo sentidos à realidade da qual fazem parte. E quanto mais sentido existir na vida das crianças, mais ricos de sentidos serão os seus movimentos

Na importância de conhecer o contexto social para tentar compreender as brincadeiras, destacamos neste artigo a interpretação dos questionários destinados aos pais. Ainda que fosse ideal estabelecer muitas outras correlações entre o cotidiano das crianças e as suas brincadeiras na escola, conhecer esse contexto mais amplo da vida delas nos permitiu observar suas vivências lúdicas com mais segurança. Mesmo que não se tenha feito uma relação aprofundada entre o contexto da família e o contexto escolar, foram encontrados nas brincadeiras muitos aspectos trazidos de casa pelos questionários, como as referências aos programas da TV e as histórias que contavam da família e da casa onde moram. E a situação inversa também foi verdadeira: as crianças trouxeram muito de suas vivências e expectativas não relatadas por seus

²⁰ Novamente Fábio afirma que algo desejado por Lucas não existe, a primeira vez aconteceu com os mísseis.

pais. Com a construção de eixos temáticos que permitiram melhor visualização das brincadeiras, constatou-se similaridades nas vivências lúdicas das crianças das duas escolas, caracterizadas principalmente pela presença do imaginário das mídias no processo de criação dos roteiros das brincadeiras. Embora a escola Waldorf demonstre, a partir de sua filosofia, não incentivar o contato das crianças pequenas com as mídias, a presença do imaginário das mídias na brincadeira dessas crianças mostrou-se ainda mais intensa do que na das que estudam na escola pública.

São as situações percebidas no trabalho de campo, relacionadas às teorias que dão sustentação a esta pesquisa, que me possibilitam afirmar que a criança encontra formas de se relacionar com o mundo principalmente através da cultura e cria estruturas de ressignificação de acordo com o contexto em que vive, com os locais que frequenta e as pessoas com que convive. Por isso, a importância de, com a criança, criar elementos para fortalecer uma relação menos fascinada com a televisão e mais crítica aos conteúdos que através dela nos são apresentados. E a escola, enquanto um espaço de significação dos conteúdos midiáticos, poderia se constituir num importante canal de diálogo entre adultos e crianças no que diz respeito à apropriação crítica dos sentidos das mídias.

Experiências como a desta pesquisa nos remete a pensar na forma como estão se constituindo as brincadeiras das crianças neste momento de grandes mudanças relacionadas à presença das mídias eletrônicas no cotidiano infantil. E nessa trajetória de pesquisa evidenciaram-se os processos que as crianças criam durante as brincadeiras para elaborar os sentidos das mídias e relacioná-los com suas experiências. Entendemos que para entender melhor essa relação entre as crianças e as mídias é importante considerar o potencial da imaginação infantil na ressignificação e apropriação cultural. A partir daí surge a importância de se refletir sobre a presença do imaginário na constituição das mais diversas formas do *se-movimentar*.

Movimentando-se, fazendo referência a personagens e cenários, criando situações e roteiros para brincadeiras a partir de histórias e programas de televisão, as crianças refletem e questionam, à sua maneira, o mundo que as cerca.

REFERÊNCIAS

FANTIN, Monica. **Mídia-Educação: conceitos, experiências, diálogos Brasil-Itália**. Florianópolis: Cidade Futura, 2006.

GIRARDELLO, Gilka. **Televisão e Imaginação Infantil: Histórias da Costa da Lagoa**. Tese de Doutorado, USP, 1998.

HILDEBRANDT-STRAMANN, Reiner. **Textos pedagógicos sobre o ensino da Educação Física**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003.

KUNZ, Elenor. Práticas Didáticas para um “Conhecimento de Si” de Crianças e Jovens na Educação Física. In: KUNZ, Elenor. (org.). **Didática da Educação Física 2**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2001.

_____. **Educação Física: Ensino e Mudanças**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2004.

MUNARIM, Iracema. **A violência na programação infantil da TV e as brincadeiras das crianças**. Monografia (graduação em Educação Física). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

SEITER, Ellen. **Television and new media audiences**. Oxford University Press Inc, New York, 1999.